

O MESTRE SERAFIM DA SILVA NETO

Serafim Pereira da Silva Neto nasceu em 6 de junho de 1917 nesta cidade do Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 23 de setembro de 1960. Casou-se com D. Cremilda Carvalho da Silva, e, dessa união, houveram dois filhos: David – Davizinho, como sempre carinhosamente o chamava – e Carmen Lúcia. O menino David faleceu num acidente e esse doloroso episódio marcou-lhe profundamente o espírito, como é fácil compreender.

Bacharelou-se em Direito, fez-se Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, muito ensinou, escreveu, publicou. A cadeira que regeu em duas Universidades, a PUC do Rio de Janeiro e a Federal do Rio de Janeiro foi Filologia Românica, matéria de sua predileção. Como professor-visitante, a nível de catedrático, pertenceu ao quadro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que lhe outorgou o título de *Professor Honoris Causa*, e da qual só se afastou por motivo de doença.

A sua privilegiada inteligência e capacidade de estudo tornaram-no “o máximo filólogo de minha geração nas duas grandes pátrias da língua comum”, para repetir as palavras abalizadas do Prof. Gladstone Chaves de Melo, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Filologia.

Estreou em livro em 1938, com *Fontes do Latim Vulgar*, O APPENDIX PROBI, trabalho de cunho universitário (a primeira Faculdade de Letras do Brasil somente foi instituída em nosso país em 1940, por lei federal), que situava a Filologia Portuguesa no âmbito da Filologia Românica, façanha (o termo é esse) que poucos, pouquíssimos antes dele (lembramo-nos de Antenor Nascentes e Augusto Magne) lograram fazê-lo. Contava então 21 anos de idade e houve até quem duvidasse da verdadeira autoria da obra... O livro introduziu entre nós um autor que não frequentava as referências bibliográficas de nossos estudiosos: o do alemão Hugo Schuchardt, cujo fundamental estudo *Vokalismus des Vulgärlateins*, em 3 vol., reponta numerosamente em *Fontes*.

Serafim da Silva Neto era incansável em sua faina de atualização e informação bibliográfica. Assinava dezenas de revistas, estava a par das mais recentes publicações, sem que olvidasse as magnas lições dos antigos, correspondia-se com os mais importantes livreiros de dentro e de fora do país (principalmente com os de fora). A esse respeito, faz Albino de Bem Veiga, o seguinte comentário em sua colaboração, publicada em *Estudos Filológicos*, em homenagem a Serafim da Silva Neto:

Essa bibliografia cada vez mais lhe enriquecia a biblioteca, sua preocupação constante. Tinha-a em dia: edições raras, separatas, revistas, microfimes de incunábulo e de manuscritos, fotocópias – tudo adquiria. E não descansava

até a adquirir a última revelação, por telefone, por carta, por telefonema, mesmo quando estivesse acamado. (1967: 12)

Hoje acrescentaríamos: por fax ...

Certa vez (é ainda Bem Veiga que nos relata), desejando adquirir os *Kreolische Studien*, de seu venerado Schuchardt e não lhe sabendo o editor, recorreu às luzes de outro de seus mestres prediletos: Leite de Vasconcelos. O douto filólogo lusitano assim lhe respondeu: “Agradeço a promessa do seu *Latim Vulgar*. O que não é vulgar é latinidade em rapazola de 19 anos”. A facécia naturalmente acompanhava a indicação solicitada.

A obra de Serafim da Silva Neto, em seus 43 anos de vida, é prodigiosa, quer pela quantidade, quer pela qualidade e até variedade. Tanto mais quanto que, apesar de sua precocidade, os inícios da sua atividade filológica terão datado dos quinze anos, sem esquecer o haver passado por momentos de cruciante dor moral e os inevitáveis padecimentos físicos. Não poderíamos, porém, comprimi-la nestas páginas de preto e saudade. Por isso iremos apenas gizar os traços que melhor a definam.

Falamos em variedade. E, de fato, assim foi. Serafim Neto distinguiu-se eminentemente na Filologia Portuguesa, na Filologia Românica, na Dialectologia Brasileira, na Edição de Textos Medievais e Antigos, no estudo do Português do Brasil. Enumeremos apenas alguns livros-índices das supraditas áreas: *Fontes do Latim Vulgar* (1ª ed. 1938, 2ª ed. 1946, 3ª ed. 1956), *Manual de Filologia Portuguesa* (1ª ed. 1952, 2ª ed. 1957), *Guia para os Estudos Dialectológicos* (1955), *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (1956), *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1ª ed. 1950, 2ª ed. 1963, póstuma). O seu *opus magnum* é a *História da Língua Portuguesa* (2ª ed. 1970, 3ª ed. 1979 – em vida do autor, saiu em fascículos). Serafim da Silva Neto esteve sempre atento às novas direções que o pensamento lingüístico de seu momento histórico ia tomando. Foi, p. ex., o primeiro a dar notícia entre nós da publicação dos *Grundzüge der Phonologie*, do russo Nicolau S. Trubetzkoy, que incorporou os estudos de fonética da língua à corrente estruturalista. Fê-lo no n.º 10 da extinta *Revista Filológica*, de setembro de 1941, quando o mundo se achava em plena guerra e os contatos culturais com a Europa eram altamente precários (os *Grundzüge* vieram a lume em 1939, em Praga).

Serafim Neto trabalhou intensamente entre os anos 40 e 60. A sua formação fizera-se à base do método histórico-comparativo, que praticou com alertado espírito científico. Não o enfeudou nem às idéias do biologismo, nem às do fisicismo (ambas naturalistas) com que se constituiu. Ao contrário, via na Linguística uma ciência cultural, isto é “humana”, e não natural. Eis, p. ex., o que disse em *Língua, Cultura e Civilização* (o título do livro é expressivo):

A Lingüística é, pois, uma ciência “humana” por excelência: o lingüista deve sintetizar em si próprio toda a complexa rede da cultura e da civilização. O lingüista tem de estender o seu interesse a tudo aquilo que é humano; em verdade precisa interpretar e viver aquele conhecido verso de Terêncio: *Homo sum; humani nil a me alienum*. (1960: 21)

Curioso que Roman Jakobson, em artigo inserto nos *Essais de Linguistique Générale* I 1963 (o texto é anterior, de uma conferência de 1952, mas de circulação restrita) havia parafraseado esse mesmo verso do seguinte modo: *Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto.*

Compreende-se assim o empenho com que defendia as posições metodológicas da escola das palavras e das coisas (*Wörten und Sachen*) e da *Geografia Lingüística*, de Jules Gilliéron, de que foi o grande arauto em nossas plagas. A sua análise do movimento geográfico-lingüístico, que integra o capítulo sobre “Estudos de Dialectologia”, de seu modestamente intitulado *Manual de Filologia Portuguesa*, é simplesmente exemplar e de leitura obrigatória ainda hoje.

Em suas pesquisas de natureza histórica, Serafim Neto nunca separava a história interna da história externa, pois só esta seria capaz de dar conta dos fenômenos ocorrentes na primeira. Trabalhava, pois, na linha de um Menéndez Pidal, um Walter von Wartburg, um Meillet.

A sua preocupação de não apresentar o objeto língua como algo desvinculado da força criativa do espírito humano o aproximou muitas vezes de Vossler, autor, como se sabe, visto com desconfiança pelos mentores do comparativismo positivista. Registrem-se estas palavras inscritas na Introdução de sua *História da Língua Portuguesa*:

O objetivo desta obra é, pois, o de esboçar, tão clara e documentalmente quanto possível, a formação da língua portuguesa e a sua história como instrumento de uma coletividade humana. O que vale dizer, história da língua como história dos homens que a falam. (1979: 54)

Essa participação dos homens nos acontecimentos explica muito do que se comprova nos fatos lingüísticos. Isto é, a própria História não há de ser investigada puramente através de causas materiais ou materialisticamente interpretadas. Sirva de exemplo este trecho da *História da Língua* em que Serafim Neto assinala as raízes das lutas que levaram à independência do condado portugalense:

É evidente, porém, que a ambição de D. Teresa, como reconhece o Mestre [Menéndez Pidal], encontrava ecos profundos no sentimento dos súditos: e que é nestes, e não no ódio da condessa, que se há de ver o motivo do apartamento de Portugal. Nada poderia o ressentimento da filha natural, se não tivesse encontrado, no ânimo forte de seus vassallos, perseverantes mostras de desejo de emancipação.

Os homens podem conduzir, é verdade, os povos e os acontecimentos, mas nunca em contrário aos seus anseios e aspirações, mas nunca em oposição ao seu sentir profundo. Na independência do condado portugalense o essencial foi esse íntimo desejo, que traduzia uma diferenciação secular; a inimizade de D. Teresa entraria como fator acidental (o.cit.: 362-363)

Muito há e haveria que dizer a respeito da obra excepcional que Serafim da Silva Neto legou à cultura brasileira. Que as novas gerações não o esqueçam, que voltem a abeberar-se em suas lições, que prossigam na rota que ele traçou à Filologia no Brasil, onde abriu clareiras pelo seu saber e amor às coisas do espírito. Eis

tudo, ou um pouco do tudo, que desejaríamos este número homenagem de *Confluência* pudesse oferecer à inquietação intelectual dos nossos jovens estudantes de Letras.

A Direção
